

A MULHER REPRESENTANTE DO PATRIARCADO

Laslei Aparecida Teles Petrilli¹

RESUMO

Este ensaio expõe o caminho percorrido pela imagem do feminino ao longo da história das organizações familiares, a ferida pai-filha no perfil do pai, a ferida mãe-filha no perfil da mãe e o reflexo dessas influências na postura feminina diante de si mesma e em relação ao outro. Nesse objetivo, foi elaborado um estudo de revisão bibliográfica aliado a reflexões e buscas sobre inquietações femininas, verificadas no exercício diário da profissão de psicóloga, para concluir que a mulher se constitui num misto dessa herança imposta tanto pelo masculino quanto por suas próprias mãos e estão nela a força e a capacidade de libertar-se.

Palavras-chave: Feminino. Patriarcado. Papéis pai e mãe.

THE WOMAN AS A PATRIARCHAL REPRESENTANT

¹ Psicóloga formada pela Universidade São Francisco-SP, pós-graduada e professora do curso de Psicologia do Centro Universitário UnirG-TO.

ABSTRACT

This essay exposes the way followed by the feminine image through history in the family organizations, the wound father - daughter in the profile of the father, the wound mother-daughter in the mother's profile and the reflex of these influences in the feminine position looking to herself but also in relation to the other. According to this goal, a study reviewing the literature was elaborated combined with reflections and searches on female concerns, verified in the daily exercise of the profession of psychologist, and it was concluded that the woman is constituted by a mixture from this heritage imposed in part by the masculine and also by her own hands in which the force and capacity to be free can be found.

Key-words: Feminine. Patriarchal. Father and mother's role.

INTRODUÇÃO

Ser mulher ao longo da existência humana passou por momentos peculiares e característicos. Ao voltar ao início das organizações humanas encontram-se mulheres valorizadas, endeusadas, que posteriormente sofreram transformações em seus significados culturais que definem e caracterizam as mulheres nos dias de hoje.

Diante de constatações, sejam advindas de experiências clínicas, seja na observação das relações sociais e nas mensagens subliminares da mídia como expressão da cultura vigente, instala-se um desconforto e o desejo de busca de respostas, de questionamentos, de críticas, tanto em nível pessoal como em relação mais ampla acerca do ser humano feminino.

Nessa busca foram encontradas autoras que possivelmente sofreram as mesmas inquietações de algumas mulheres atuais, senão da maioria delas. Ao longo de dois anos, foram pesquisadas obras e construídas reflexões que emergiram da prática diária e que resultaram em um curso de extensão cujas colocações podem ser parcialmente vislumbradas neste trabalho.

Com essa visão, este artigo expõe o caminho percorrido pelo conceito e atribuições femininas ao longo da história das organizações familiares, e descreve padrões de funcionamento de pais e mães influenciados pelo patriarcado e seu reflexo na figura feminina atual.

MÉTODO

Este estudo se constitui numa revisão de conceitos existentes na bibliografia pertinente sobre o papel da mulher como representante do patriarcado, aliada a reflexões advindas de experiências clínicas na observação das relações sociais e sua influência na postura feminina.

SIGNIFICADO DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES FAMILIARES

A primeira organização citada por estudos de Antropologia descreve a família consanguínea que preconiza a união por laços de sangue, havendo intermatrimônio de irmãos e irmãs carnais e colaterais no interior do grupo. Esse grupo marca a promiscuidade e o pai delimita o parentesco entre os demais. (MORGAN, apud MELLO, 1986).

Observa-se, diante da figura formada por essas relações, que pode haver igualdade nas relações entre homens e mulheres e não há registro de condenações ou discriminações de gênero. Já na família punaluana existe a divisão dos irmãos excluídos das relações sexuais entre si, surgindo o parentesco dos sobrinhos. A filiação era concedida à mãe pelo *dom de dar à luz* e pelo privilégio de saber quais eram seus filhos. (MORGAN, apud MELLO, 1986).

A mulher neste momento parece ser dotada de poder pelo fato da evidência da maternidade detentora do saber e inegável parentesco sobre sua prole, o que não parece ser da mesma maneira com os homens nesta relação de promiscuidade.

A família sindiasmática, segundo Morgan (apud MELLO, 1986), reduz a união a marido e mulher, ficando para o homem o direito à poligamia e à mulher o dever da fidelidade. O adultério é cruelmente castigado e os filhos pertencem às mães. Este período marca a tendência à monogamia já que as relações sociais evoluíram e interesses econômicos surgiram com o desejo de garantia de partilha na herança. Os casamentos eram arranjados com o objetivo de garantir e

manter o patrimônio – o patrimônio provém da evolução do trabalho convertido em riquezas, bens e propriedades.

O surgimento dos interesses ligados às riquezas coloca a mulher na condição de fidelidade e desigualdade na medida em que o adultério é considerado e castigado cruelmente para as mulheres, mas para os homens permanece o direito à poligamia. Pode-se, assim, refletir a ideia de que riqueza associada à ideia de poder, *fálus*, está direcionada a seus representantes: os homens.

Esta forma de relacionamento coloca o homem comandante das riquezas e filiação, e exclui a valorização anterior feminina pelo *dom de dar à luz*, portanto uma considerável perda de poder feminino. Percebe-se que poder e riqueza estão concentrados nas mãos dos homens e os filhos são dos pais pelo poder de deter as riquezas, deixando a mulher resignada ao poder masculino, contrariando a posição anterior de deusa que agora se configura como objeto de reprodução de um homem *poderoso*.

A sequência dessa trajetória é a família patriarcal, com o pai como figura masculina poderosa que

administra os bens e tem direito à poligamia. As uniões são por interesses e procriação para deixar herdeiros *machos* legítimos. Assim, o homem do século XIX faz casamentos programados entre parentes para manter propriedades sobre a proteção do patriarca que controla a vida dos filhos, da esposa e das propriedades.

A monogamia surgiu da concentração de riquezas nas mesmas mãos e do desejo de transmiti-las aos filhos legítimos. A família monogâmica propõe a união entre um homem e uma mulher pela necessidade de organização familiar e caráter econômico: herança para os filhos. À mulher resta a exigência da fidelidade e a virgindade até o casamento na igreja.

A autoridade da figura masculina permeada por laços afetivos caracteriza a família paternal. A mulher ocupa o status de provedora e dona de casa, DEUSA – Rainha do lar – Santa da família – Maria. Sugere tantas atribuições à sequência histórica da deusa poderosa por dar à luz impregnada e valorizada das funções domésticas associadas à resignação sofredora de Maria, a condenação de ocupar este papel com capacidade valorizada na força em aguentar e corresponder ao pequeno número de

papéis funcionais. A crença na valorização do papel da mulher enquanto um indivíduo resistente, que abre mão de si e se sacrifica em nome do outro.

Nas últimas décadas do século XIX a família conjugal determina membros com individualidade, mulher e filhos com permissão de adquirir bens, o poder do pai mais limitado, respaldado por lei que prevê a perda dele. Divórcio, maior liberdade sexual, autoridade mútua, mãe como educadora e suporte financeiro também são características dessas famílias.

Esta aparente evolução, descrita nas características da família conjugal indicando avanços no relacionamento familiar, pode ser meramente aparente já que se observa na atualidade, entre tradicionais famílias abastadas, por exemplo, os casamentos arranjados com intuito da detenção de bens, propriedades e riquezas.

Uma volta no tempo mostra mulheres endeusadas pela capacidade de suportar as injustiças, caladas e sem reclamar, e homens ainda vociferando direitos de macho polígamo e promíscuo, com a filiação como objeto de garantia de herança ou de bens, defendida, em muitas ocasiões, raivosa e

inescrupulosamente pelos homens detentores dos papéis que os configuraram proprietários.

Observadas as relações intrínsecas entre as partes, um olhar subjetivo desta evolução lança dúvidas no sentido da verdadeira conquista de uma configuração diferente.

São encontradas, nos dias atuais, mulheres detentoras de poder, mães martirizadas, submissas, objetos de prazer nas mãos dos homens por interesses financeiros, e mulheres-meninas tímidas, fragilizadas, como poderosas guerreiras com casca masculinizadas, mulheres “retocadas” lipoaspiradas, deformadas na tentativa de conquistar autoestima. Autoestima para quê? Para conquistar, ou reconquistar, o status de deusa sensual, sexual? Objeto de cobiça, disputa e prazer? De quem? A quem estas mulheres estão tentando agradar? Existe a ideia de que a elas mesmas. Possivelmente estejam certas. Mas o que de real está enraizado neste querer senão corresponder às expectativas, fruto das imposições ao longo dessa construção histórica?

São filhas, netas, bisnetas, tataranetas de mulheres pressionadas, subjugadas, injustiçadas e seus pais

foram filhos de mulheres que se submeteram ou pagaram um preço alto por se rebelarem. Derramaram sua fúria, seu amargo desgosto feminino sobre seus filhos, maridos até chegar aos dias atuais.

Situa-se, aí, a importância da delimitação das influências dessas figuras pai e mãe na condição de filhos das heranças confusas, opressoras e discriminatórias anteriores.

A RELAÇÃO PAI-FILHA: A FERIDA

“Agora todas as pragas que no tênue ar são o destino das falhas dos homens revelam-se em suas filhas!” (SHAKESPEARE, apud LEONARD, 1997, p. 23).

Mulheres podem ter sido feridas tanto pelo pai real quanto pela sociedade patriarcal que em si mesma funciona como um pai deplorável, desvalorizando culturalmente a mulher. Em ambos os casos a identidade feminina, sua autoimagem, sua relação com a masculinidade e seu funcionamento no mundo veem-se prejudicados. (LEONARD, 1997).

Em nível pessoal existem meios pelos quais a ferida (psíquica) pode ocorrer. Um pai extremamente fraco que causa vergonha, um pai ausente, negligente. Um pai complacente que a

filha não consiga formar uma noção de limites, valores e de autoridade. Ele pode até apaixonar-se inconscientemente pela filha, mantendo-a presa a ele. Pode depreciar o feminino porque seu próprio lado feminino foi sacrificado aos ideais de poder e autoridade macho-masculinos. Pode ser trabalhador, bem sucedido, mas passivo em casa, um pai desligado. (LEONARD, 1997).

Ainda segundo a autora, se o pai estiver envolvido com a filha de modo comprometido e responsável, colaborando para seu desenvolvimento nas esferas intelectual, profissional e espiritual, valorizando a singularidade feminina, isso resultará em um dano, “ferida”, no espírito feminino da jovem.

A ferida pai-filha é um evento que acontece nas vidas das mulheres como indivíduos: é cultural. Uma atitude autoritária, patriarcal, que desvaloriza o feminino, reduzindo-o a um número de papéis, qualidades relacionadas à imagem feminina proposta, o pai coletivo está presente, subjogando pela força, impedindo o desenvolvimento a partir da sua essência. (LEONARD, 1997).

A ferida precisa ser confrontada, transformada e, para tal, é necessária a sua conscientização. Segundo a

autora, alguns pais pecam por indulgência, não estipulando limites a si próprios, não desenvolveram sentido de sua própria autoridade interna por não terem estabelecido um critério de ordem e disciplina, servindo de modelos inadequados ao feminino – são os “eternos meninos”.

Os eternos meninos vivem no verão e primavera e são incapazes de vivenciar o outono e inverno, isto é, leves e superficiais, incapazes do aprofundamento, impacientes e imediatistas, deixando a evidência da impossibilidade de “agüentar”, de suportar, indicando e salientando sua fragilidade e não servindo de suporte e direção à filha.

A consequência para filha é a fragilidade, vergonha, insegurança, falta de autocontrole, disciplina e perseverança.

Os pais duros erram pela rigidez, são frios, indiferentes, autoritários, enfatizam a obediência, o dever e a racionalidade, insistindo para que suas filhas tenham a mesma atitude. A visão positiva deste tipo paterno é que pode gerar uma sensação de segurança, estabilidade e estrutura, e a negativa é a tendência a arrasar as qualidades femininas de sensibilidade, doçura e espontaneidade.

Os danos à filha são além de imediatos como futuros na medida em que ela cresce e vai se firmando com mulher e as feridas se manifestando seja na forma como ela se sente em relação a si própria, como mulher, ser humano, seja como em seus relacionamentos com os homens e outras mulheres.

Muitas expectativas ou formas de relacionamentos dessas mulheres são pautadas nesta primeira dinâmica da relação pai-filha e todos os significados intrínsecos e individuais que se formaram.

Nota-se que a primeira relação, seja com o pai real ou simbólico impregnado do patriarcado, influencia decisivamente na forma com que essa filha vai lidar com sua feminilidade e na formação da sua identidade feminina.

A RELAÇÃO MÃE-FILHA: A FERIDA

*Eu estou em pé, no centro
da cidade morta
e amarro os sapatos vermelhos...
Eles não são meus,
são de minha mãe
e antes foram da mãe dela,
e vão passando como herança,
mas escondidos, como cartas
vergonhosas.*
(ANNE SEXTON, apud LEONARD,
2003, p. 51).

Antes de qualquer colocação deve ser lembrado que a mãe é mulher e antes de tudo foi filha de uma mulher

por sua vez filha de outra e mais outra, indicando uma herança de longo tempo. Por este motivo, as colocações estão sob a ótica da filha, já que sua mãe também é uma mulher ferida.

A mãe é responsável por uma considerável influência na visão de mundo de seus filhos e filhas, sendo o primeiro ser humano com quem estes estabelecem relação de dependência, o que leva a pensar o quanto a sua dor é passada a eles.

Mãe e filha pautam uma relação de sentimentos emaranhados e quando entram em conflito muito se pode perceber a partir de sua natureza. Mesmo na aparente tranquilidade das relações, podem-se observar emoções conflitantes, dissimuladas, o que complica a relação deste par íntimo. Elas não têm apenas que lidar com os fatores pessoais e familiares que as confundem, como também com as expectativas que vem do patriarcado. (LEONARD, 2003).

Deve-se esclarecer que a influência do patriarcado sofrida pela mãe a contaminou a ponto de torná-la sua representante, mesmo que inconscientemente.

Segundo Leonard (2003), são quatro os padrões femininos maternos: a Mãe Dragão que é intensa, explosiva,

furiosa, raivosa; a Mãe Doente que controla a todos ao seu redor com a ameaça de sua fragilidade; a Mãe Santa e sua necessidade de ser *boa* e mantém uma personalidade superficial e martirizada, esperando que os filhos sigam seus passos; a Mãe Rainha Gelada que é dominadora, punitiva e faminta por poder.

A mãe Dragão intimida suas filhas por meio do medo e as oprime com raiva. Quando encontra oposição, reage exageradamente com emoção extrema – às vezes lágrimas, às vezes raiva. (LEONARD, 2003). Este tipo de mãe grita, vocifera, e usa ameaças para dominar e está sempre pronta ao ataque. Isto é, “[...] se a filha é suave, ela se sente terrivelmente humilhada e envergonhada pela insensibilidade de sua mãe às outras pessoas. E ainda [...] sente que não tem nenhuma chance diante de tal demonstração constante de poder”. (LEONARD, 2003, p. 83).

A mãe Doente pode ter uma doença física ou não e de qualquer maneira usa a doença para prender seus filhos, emocional e psicologicamente, a ela. Leonard (2003, p. 96) afirma que “[...] ela provoca confusão em sua filha, porque vive no caos. Ela tenta dividir os

membros da família de modo que ela possa ser o centro, pois ela mesma está partida em pedaços”. A filha desta mãe doente, sentindo que precisa viver com cautela, foi educada para sentir-se culpada e insegura e ainda temendo desencadear o problema médico ou emocional de sua mãe.

A Mãe Santa ou mãe agradável demais parece gentil e positiva, e quer conscientemente fazer o bem às suas filhas. Segundo Leonard (2003) as fere na medida em que instrui suas filhas a reprimirem sentimentos naturais, especialmente raiva.

Frequentemente, as filhas carregam a raiva não reconhecida de suas mães, e podem ter consciência da raiva, mas não de sua causa. [...] A filha, que carrega a raiva inconsciente da mãe, não teve nenhum modelo feminino para ajudá-la a aprender a canalizar esta energia (LEONARD, 2003, p. 54).

Ainda segundo a autora, se a raiva da mãe é inconsciente a filha poderá pensar que ela é culpada pela raiva, depressão, ansiedade e vergonha da sua mãe.

A Mãe Rainha Gelada tem aparente força, mas esconde inferioridade, anseia secretamente calor, mas afasta as pessoas com respostas frias em relação aos seus sentimentos. “A mãe Rainha Gelada retrai-se, rejeita e abandona. Frequentemente se congela numa

posição de superioridade com uma racionalidade fria, e coloca um valor supremo na ordem, na limpeza e na perfeição". (LEONARD, 2003, p. 63).

Esse perfil de mãe pune frequentemente as suas filhas com críticas humilhantes e vergonhosas. Algumas filhas não conseguem receber calor de outras fontes e, já tendo sido geladas pela frieza de suas próprias mães, também se transformam em Rainhas Geladas, têm dificuldade em receber amor e procuram motivos ocultos já que aprenderam que sentimentos calorosos tem um alto preço emocional e psicológico a ser pago. (LEONARD, 2003).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A sociedade patriarcal ou, como diríamos hoje, *machista*, caracteriza-se pela unilateralidade: dá primazia ao homem em detrimento da mulher, privilegia as dominantes masculinas à custa de rejeição e repressão das dominantes femininas. (STORNILOLO, apud PERERA, 1985).

Mulheres e homens são defraudados na sua própria identidade e integridade. As mulheres são as vítimas maiores pois acabam perdendo a própria identidade consciente de ser mulher, cabendo-lhe uma escolha difícil: ou permanecem femininas, ficando entorpecidas como a Bela Adormecida ou relegadas como a Gata Borralheira, ou então, tem que adaptar-se ao mundo do homem, assimilando e

desenvolvendo valores e características tipicamente masculinos. (STORNILOLO, apud PERERA, 1985, p. 9).

Seja qual padrão de mãe influenciou a filha é inegável sua influência e delimitação do modelo, causando a ferida. Os aspectos demarcados na relação com a mãe, e como ela própria lidou com sua condição feminina, determinam um modelo de como a filha vai relacionar-se com a sua própria condição feminina e todos os aspectos que envolvem a totalidade dessa existência.

A mãe (que é filha) ferida pela relação de seus pais e pela forma com que cada um pode lidar com o feminino, numa cultura impregnada do patriarcado, é uma vítima e pode ser também alguém que vitimiza os seus, consciente ou inconscientemente.

O pai, por sua vez, foi filho de uma mãe-filha-ferida e pode ter sido impossibilitado de desenvolver-se na sua totalidade masculina sob essa influência.

Os homens, por sua vez, perdem a conexão com a sua interioridade, com sua anima: aparentemente eles estão à vontade na sociedade patriarcal; na realidade, porém, são seres humanos pela metade: escravizados pela percepção objetiva e pelo espírito de análise, consumidos pela rivalidade e competição, eles acabam perdendo todo contato com sua alma, deixando de ser receptivos, sensíveis e criativos. (STORNILOLO apud PERERA, 1985, p. 10).

A mulher pode ter perdido os limites da sua feminilidade essencial graças ao patriarcado, representado tanto por homens quanto por mulheres, pais e mães, marcados como filhos e filhas e, nesse fluxo de vida continuada, repassam suas impregnações. De vítima a construtora

de vítimas num ciclo que só poderá ser transformado na medida em que este for conscientizado, encarado com coragem e profundidade.

A mulher é, hoje, um misto desta influência herdada, imposta tanto pelo masculino quanto por suas próprias mãos e estão nela a força e a capacidade de libertar-se.

REFERÊNCIAS

LEONARD, Linda Schierse. *A mulher ferida: em busca de um relacionamento responsável entre homem e mulher*. São Paulo: Summus, 1997.

_____. 1937. *E a louca tinha razão!:* canalizando a explosão dos instintos para uma vida criativa. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, Luís Gonzaga. *Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1986

PERERA, Sylvia Briton. *Caminho para a iniciação feminina*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Recebido em: 06 out. 2012
Aprovado em: 04 dez. 2012